

A Atividade Laboral em Perspectiva: Reflexões sobre os usos comunicacionais de testemunhos em portais corporativos¹

Gislene Feiten HAUBRICH²
Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS

RESUMO

Comunicar envolve dimensões complexas da relação entre ser e sociedade, além de impactar nos sentidos produzidos como resultado dessas interações. Quando implicado o espaço organizacional, essa dinâmica não é menos complexa. Nesse sentido, este artigo almeja-se refletir sobre as dramáticas dos usos de um corpo-si manifestas em depoimentos de trabalhadores divulgados em portais corporativos. A construção de um ponto de vista crítico ancora-se nos conceitos ergológicos relativos à atividade laboral e às interações languageiras que sustentam significados e os transformam mediante a permanente produção de sentidos. Como principal resultado, aponta-se a existência de um paradigma que tem a intenção de esmaecer a autoria da atividade, além de descentralizar a atividade laboral enquanto fundamento das organizações.

PALAVRAS-CHAVE: atividade laboral; ergologia; linguagem; portais corporativos; comunicação organizacional.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estudo da comunicação nas organizações, em geral, contempla o prescrito. Lacoste (2001) apresenta uma lista com funções essenciais, e atesta que o processo de comunicar está no cerne da produção de conhecimento. Apesar disso, a dimensão das interações que permitem esse trânsito de saberes, por vezes, é posta em segundo plano visto que reduz a mecanicidade das ações, impõe um cenário complexo e desafia os indivíduos no convívio coletivo. Porém, é inegável que tal dinâmica exerça influência à realidade organizacional. Nesse contexto, investe-se a compreensão ergológica do trabalho para elucidar o horizonte das problemáticas contemporâneas relacionadas aos sujeitos no mundo laboral, tais como aspectos de exclusão social, desenvolvimento intelectual ou disfunções de saúde. Defende-se o repensar da comunicação e da

¹ Trabalho apresentado no DT 3 – Relações Públicas e Comunicação Organizacional do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Doutoranda e mestre em Processos e Manifestações Culturais. Graduada em Comunicação Social – Hab. Relações Públicas, email: gisleneh@gmail.com.

linguagem no contexto das organizações, de modo a entender e transformar a relação que os trabalhadores têm com seu próprio fazer, para além do vínculo institucional.

Em Bakhtin (2015, 2010, 1990), referencia-se o entendimento estético da atividade. Em Schwartz e Durrive (2007), ela é compreendida no diálogo entre normas e renormalizações. Para ambos, a atividade está ligada à unicidade das situações e a permanente condição de ruptura entre uma convenção e sua aplicação na experiência vivida. Dialogicamente produz-se e transformam-se saberes. Essa tensão tem êxito, pois funda-se nas competências dos sujeitos, na inter-relação entre o posto pelo outro e o investimento de si, entre os mundos da ação e da representação mediados pela responsividade do ato.

Essa breve conjectura teórica sustenta a questão norteadora do estudo: a divulgação de depoimentos de trabalhadores em portais corporativos permite identificar as dramáticas dos usos de um corpo-si mediante o processo de objetivação da atividade laboral nas práticas discursivas da Comunicação? Trata-se de conhecer, para transformar, o ponto de vista acerca da realidade construída pelos trabalhadores nas interações intrínsecas à prática laboral. Contempla-se, assim, uma dimensão para além dos papéis encerrados por tarefas e cargos, no sentido de que pondera intervenções suscitadas na vida do outro, que simultaneamente a compõe. Como objetivo, almeja-se refletir sobre as dramáticas dos usos de si manifestas em depoimentos de trabalhadores divulgados em portais corporativos. Reconhece-se o propósito mercadológico implicado por essas publicações, entretanto, aprecia-se o envolvimento do corpo-si³ e o debate de normas imanente à atividade humana.

A inferência sobre os efeitos de sentido produzidos no uso discursivo meramente monetário é uma expectativa desta investigação, pois está edificada na abordagem ergológica. Este é um estudo aplicado e descritivo, cuja abordagem é qualitativa e se ancora em pistas oriundas da linguagem sobre o trabalho, mediante discursos corporativos. A pesquisa bibliográfica orienta a definição das categorias de análise

³ Refere-se a nomenclatura designada pelos estudos ergológicos ao ser que trabalha. Sob uma tripla ancoragem, biológica, histórica e singular, empreende uma forma de tratamento ao trabalhador que evita significados epistemológicos já arraigados a termos como sujeito. Como entidade enigmática, permanentemente criadora e transgressora das normas impostas, seja pelo cerceamento social, cultural, familiar, organizacional, entre outros. Esse “si” representa o ator social, cuja vida é tomada de dramáticas, ou seja, de convites para que escolha modos de viver. Acredita-se que essa escolha não se seja ingênua, mas calcada tanto nas imposições do meio quando nas adaptações que o corpo se permite realizar para realiza-las. Para mais detalhes acerca do termo corpo-si (*corps-soi*), sugere-se a leitura de Schwartz (2014); Schwartz e Durrive (2007; 2015).

enquanto a pesquisa documental aponta à composição dos corpora: depoimentos divulgados nos portais das empresas *Cordstrap*, *Bureau Veritas* e *Geistlich*.

A seleção das empresas pautou-se pelo critério abrangência internacional dos escritórios, além da atuação em diferentes ramos. A delimitação desses corpora de pesquisa também se justifica mediante o crescente movimento de *storytelling*, cujo foco está no contar histórias para gerar engajamento. Por abordar aspectos da atividade laboral, acredita-se que os depoimentos tenham dois usos centrais na perspectiva da empresa: a aproximação com futuros empregados e a sustentação da reputação organizacional, que é endossada pelo trabalhador. Entretanto, além de uso proposto pelo outro, o sujeito trabalhador aciona seus saberes e sua subjetividade fazendo uso de si e da sua própria credibilidade em favor da organização. Diante disso, divide-se o artigo em duas partes, além das considerações iniciais e finais. Inicia-se com o diálogo conceitual e prossegue-se com a tensão estabelecida entre os corpora a partir dos apontamentos teóricos.

A ATIVIDADE LABORAL EM PALAVRAS: ENTRE A OBJETIVAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

De acordo com Wolton (2010), a passagem do tempo culminou com um desvinculo entre duas noções, por base, indivisíveis: comunicação e informação. Nesse sentido, duas vertentes principais exerceram força na institucionalização do campo da Comunicação. A primeira delas reflete sobre o impacto tecnológico dos meios para a transmissão de mensagens, o que centraliza a abordagem na informação. A outra, menos popular, que infere ponderações acerca do processo comunicacional como possibilidade de relação entre interlocutores que, em meio às suas diferenças, necessitam conviver e dialogar. Entre elas, não há supremacia em significância, embora simbolicamente, o autor indique a existência de uma hierarquização entre estudos vinculados aos aparatos de transmissão de mensagens sobre aqueles que se fundamentam nas linguagens que sustentam relações. O posicionamento de Wolton (2010, p. 12, grifo do autor) é explicitado desde o princípio de sua reflexão: “*Neste livro, busco derrubar o estereótipo dominante e mostrar que o verdadeiro desafio está na comunicação, não na informação*”.

Em consonância com Wolton (2010), as investigações empreendidas pela autora deste texto, têm como foco o processo comunicacional em si, efetivado nas relações estabelecidas entre indivíduos, sobretudo sobre uma égide linguageira. Diferentes linguagens calcam as interações entre eu e o outro, culminando com a produção de sentidos em resposta aos significados acionados na elaboração de mensagens. Fica evidente, que para além do conteúdo e do meio utilizado para suportar a interação, estão múltiplos elementos relacionados às pessoas envolvidas pelo processo, como competências sinápticas e estruturas corporais de assimilação (cinco sentidos), o que o torna ainda mais complexo. Assumir esses pressupostos de pesquisa, implica escolhas epistemológicas e metodológicas que colaborem para a retomada dos “valores de emancipação da informação e da comunicação num contexto onde ambas se tornaram onipresentes e terrivelmente polissêmicas”. (WOLTON, 2010, p 14).

Diante disso, elenca-se a perspectiva da filosofia da linguagem de Bakhtin (2015, 2010, 1990) para apoiar a compreensão da relação de alteridade que fundamenta a comunicação. Entende-se que a enunciação, processo ininterrupto de produção de “elos” na corrente de enunciados propagados sob o título de informação, atua na mediação da relação de alteridade que se estabelece em contexto e situação. Diante disso, reconhece-se que as marcas valorativas manifestas por meio das escolhas discursivas expressas em enunciados, evidenciam possíveis anseios e alteram contextos. Visto o interesse em compreender essa dinâmica comunicativa no escopo das organizações, acredita-se fundamental reconhecer as inferências do trabalho nesses processos interativos. Entretanto, trata-se da fuga da visão meramente instrumental do fazer laboral, para outra que reconheça e incentive a intervenção humana sobre a execução mecânica de atos, conforme imposições normativas. Assume-se, então, a *démarche* ergológica como ponto de sustentação argumentativo.

Empenhado em esclarecer a densidade basilar da proposta ergológica, “conhecer o trabalho para transformá-lo”, um de seus principais intelectuais, Yves Schwartz (2015, p.88), assevera que “do mais escondido no corpo, do quase inconsciente, ao plano mais explícito e reivindicado, toda atividade de trabalho é sempre um tipo de dramática”. A opção pelo termo “dramática” suscita sentidos relativos ao teatro, a encenação, a dramatização dos atores, coagidos pela expectativa múltipla da plateia e por um palco delimitado. Tal noção remete também a existência de scripts que procuram definir o que, quando e como a atuação deve ocorrer. Em suma, manifesta uma dimensão

normativa. Contudo, tal expressão abarca, ainda, a possibilidade do improvisado, pois cada encenação teatral é única, irrepetível, “ao vivo”. No momento do espetáculo, adaptações são recorrentes, pois o previsto, o antecipado pelo texto e pelo ensaio, pode ser impactado por novas variáveis, como intervenções do público, falta de algum recurso físico, esquecimento do roteiro, entre outras inumeráveis questões. É desse modo, com os ergólogos, que se procura investigar discursos sobre o trabalho, visto que o palco do cotidiano organizacional se constitui de normas e da possibilidade de renormalizar, mediante as encenações discursivas dos atores e das relações entre eles incitadas e estabelecidas.

Duraffourg, Duc e Durrive (2007, p. 68) salientam que “a atividade de trabalho é, de imediato, social. Ela permite a cada um se produzir como ser social”. O aspecto coletivo dessa perspectiva interessa, pois seu enfoque está na dupla relação: 1) do sujeito com a norma, estabelecida por meio da competência interpretativa, e 2) do sujeito com o sujeito: daquele que elabora a prescrição com aquele que a acessa e que, para tanto, faz uso de suas propriedades intelectuais, emocionais, biológicas e sensoriais. Desse modo, a atividade humana é o uso que o sujeito faz de si em função dos usos propostos pela coletividade, expressos na cultura e atualizados no cotidiano. A atividade é o “conjunto de fenômenos que caracterizam o ser vivo cumprindo atos. Estes resultam de um movimento do conjunto do homem adaptado a um objetivo” (GUÉRIN et al., 2001, p. 16) determinado socialmente. Devido a particularidades como essas, afirma-se que o trabalho é uma das extensões da atividade humana.

De acordo com o ponto de vista da atividade humana, o sujeito, na realização de seu trabalho, não executa uma série de tarefas. Se assim o fosse, todos os seres humanos habitariam o plano da norma, sem nenhum tipo de evolução ou transformação e, nesse caso, o termo “dramática”, como foi apresentado, seria inadequado para referir-se ao fazer laboral. Para além das tarefas prescritas estão as escolhas realizadas pelo trabalhador desde o momento do recebimento da ordem por um outro, o que, na nomenclatura ergológica, se denomina uso do corpo-si pelo outro. Nesse ponto, essa noção de atividade dialoga com a argumentação bakhtiniana sobre o ato responsivo ativo. A proposição da tarefa se manifesta como o ponto inicial do processo de interação verbal que sustenta todas as atividades humanas na sociedade. Ao nascer, o indivíduo perpassa diferentes etapas de socialização que se assentam nessa possibilidade de conexão permanente entre diferentes enunciados que se configuram como “[...] um elo

na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2015, p. 272). Diante disso, percebe-se que “os saberes produzidos antecipam a atividade e, ao mesmo tempo, a atividade antecipa saberes que ainda não foram produzidos. E essa dialética, de certo modo não tem fim [...] renova o estoque de saberes existentes”. (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007, p. 149).

Desse modo, enquanto seres sociais, os indivíduos aprendem a conviver mediante a apreensão de normas expressas por enunciados dos outros. Esses enunciados são carregados de suposições valorativas e significados convencionados, por um lado, e, por outro, colocam-se a disposição de atualização quando em processo de enunciação, ou seja, na interação verbal que embasa as atividades humanas. Tal momento evoca tanto a presença do “outro”, mediante os enunciados já postos em circulação, quanto a presença do “eu” que, no ato interpretativo, aciona tais saberes e alimenta o processo de produção social desses elos que conectam diferentes sujeitos e situações. “Essa divisão valorativa do mundo entre mim e aqueles que são todos outros para mim não é passiva nem fortuita, mas ativa e de dever”. (BAKHTIN, 2010, p. 92). Quando o trabalhador recebe uma tarefa, ele faz uso do corpo-si si por si, conforme denominação ergológica, pois, além de valer-se desses saberes e sentidos produzidos pelo outro que habita seu contexto, ele também produz novas, e imprevisíveis, respostas ou enunciados. Assim, o trabalho não é mera execução, mas uma complexa combinação entre os usos de si, do eu com o outro. Sobretudo, o trabalho é expressão de alteridade, uma construção dialogicamente estabelecida.

A acolhida de tais pressupostos implica um olhar diferenciado aos textos que expressam normas e saberes acerca do trabalho. Trata-se de transformar o olhar investido à atividade numa perspectiva da linguagem sobre o trabalho (NOUROUDINE, 2002). Nesse caso, os testemunhos disponíveis em portais corporativos, fonte para o desenvolvimento deste estudo, implicam a forma de interpretar e de descrever a experiência do trabalho. Analisados como enunciação, referem-se a elos na corrente de enunciados da comunicação das organizações que os divulgam, acionam significados, produzem sentidos e implicam as dramáticas dos usos do corpo-si. A partir destas bases reflexivas, prossegue-se a investigação.

ENTRE A TEORIA E OS *CORPORA*, A DRAMÁTICA DO USO DE SI PELO CORPO-SI: SABERES INVESTIDOS PELA PESQUISADORA

Apresentados os pressupostos teóricos que orientam o ponto de vista construído para análise das práticas comunicacionais no escopo das organizações, espera-se que a argumentação apresentada fundamente a discussão pretendida. Os estudos bakhtiniano e ergológico, em convergência, contribuem para que alternativas à emancipação anunciada por Wolton (2010) sejam buscadas. A via da linguagem mostra-se bastante profícua para lançar luz acerca de sentidos produzidos em decorrência de significados acionados. Nesse caso, a escolha dos *corpora* para esta investigação não é ingênua, mas busca agregar saberes quanto ao uso da linguagem para perceber as práticas comunicativas que, simultaneamente, são instituídas e alteradas pela atividade laboral. Retoma-se que a seleção dos portais corporativos para análise implica a disponibilidade de conteúdo na internet, além da atuação internacional das empresas em ramos variados. Chega-se, então, aos espaços enunciativos, cujo detalhamento pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1 – Espaços Enunciativos na Internet: caracterização das empresas provedoras dos *corpora*

Empresa	Fundação	País de Origem	Ramo	Número de funcionários
<i>Cordstrap</i>	1965	Países Baixos (Holanda)	Proteção de cargas - cintas e sistemas de contenção	+/- 500 pessoas
<i>Bureau Veritas</i>	1828	Bélgica	Agência de Informações para Seguradoras Marítimas	69.000 pessoas
<i>Geistlich</i>	1851	Zurique	Produtora de biomateriais para regeneração de ossos, cartilagens e tecidos	+/- 500 pessoas

As informações disponíveis nos portais corporativos, conforme apresenta a Tabela 1, evidenciam similaridades organizacionais: empresas europeias, com uma longa trajetória, e grande porte em volume de trabalhadores, diretos e indiretos. Os dados qualitativos, assim como aqueles que compõem os *corpora* de estudo, revelam-se profícuos para a investigação que tange a dialética, própria da atividade humana do trabalho (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007). O site institucional é um dispositivo de comunicação prescritivo que apresenta elementos que sustentam a persuasão do

interlocutor mediante a produção de um saber – como é a organização - que culmina com o fazer – o interesse em fazer parte dela.

Percebe-se que o modo narrativo utilizado se assemelha, seja para a oferta de serviços, seja para seleção de pessoal para um posto de trabalho. Nesse sentido, pondera-se que depoimentos divulgados neste meio se instituem tanto como prescrição para novos trabalhadores quanto expressão das escolhas discursivas daquele que é fiador da enunciação organizacional. Uma via alternativa a se considerar refere, ainda, a opção de incluir depoimentos de funcionários enquanto muitas empresas não o fazem.

Assume relevância, também, o fato de que o site, enquanto dispositivo comunicacional, cuja enunciadora é a empresa, provavelmente contempla a adequação dos textos produzidos pelos trabalhadores. Pode-se, em última instância, questionar a credibilidade e veracidade dos dados divulgados e supor uma idealização pela empresa, em prol de ratificar sua reputação corporativa. Embora esse jogo (BAKHTIN, 1990) entre forças centrípetas – do que se denomina mercado – e forças centrífugas – a ação dos trabalhadores em suas jornadas cotidianas – seja passível de reflexão, o caminho que inclui esse último tipo de ação exacerba o esvaziamento dos significados relacionados à atividade. Nesse caso, os atores responsáveis por mediar a relação organização-públicos, mediante o dispositivo site, estariam fadados a questionamentos quanto a sua ética laboral ou mesmo acerca da simplificação e irrelevância atribuída ao processo comunicacional.

Considera-se, então, a hipótese de que os trabalhadores tenham sido efetivamente acionados a participar desta ação que tem como ponto de partida o uso do corpo-si pelo outro (SCHWARTZ, 2003). Diante disso, cabe considerar o enunciado que encoraja a enunciação do depoente. *Geistlich* e *Cordstrap* explicitam essa asserção: “Por que os nossos colaboradores gostam de trabalhar para a *Geistlich*?” e “Por que trabalhamos para a *Cordstrap*”. De outro modo, a produção discursiva expressa pelo *Bureau Veritas* sugere que os funcionários foram convidados a falar sobre sua trajetória na empresa, seus cargos e funções.

No escopo dos sentidos acionados pela composição e tom emotivo-volitivo dos enunciados da *Geistlich* e da *Cordstrap*, percebe-se uma clara distinção que impactará nas respostas produzidas pelos trabalhadores, como será apresentado adiante. Além de agregar os elementos discursivos como o pronome “nosso”, que remete ao coletivo e à posse que a empresa aparenta desempenhar, e o substantivo “colaboradores”, termo

questionado por teorias administrativas, mas aclamado por estratégias marqueteiras, a *Geistlich*, conecta os dizeres dos trabalhadores de modo paternal, afetuoso e aconchegante. Ao usar uma sentença mais curta, a *Cordstrap*, com o verbo trabalhar conjugado na primeira pessoa do plural, posiciona o funcionário como locutor e protagonista da ação. Nesse sentido, o tom sério repercute a responsabilidade atribuída aos sujeitos no espaço organizacional. As Figuras 1, 2 e 3 retratam os portais corporativos acessados.

Figura 1. Apresentação dos Testemunhos - Geistlich



Fonte: Portal Corporativo Geistlich

Figura 2. Apresentação dos Testemunhos – Cordstrap



Fonte: Portal Corporativo Cordstrap

Figura 3. Apresentação dos Testemunhos - Bureau Veritas



Fonte: Portal Corporativo Bureau Veritas

Interessa salientar, ainda, que para cada organização prepondera um certo padrão discursivo entre as narrativas apresentadas, mesmo ao abordar questões abertas. Diante disso, emergem diferentes suposições: desde a modalização e adequação promovida por um revisor até o exercício do poder simbólico (BOURDIEU, 2002) para imposição de significados a serem reproduzidos. “O poder simbólico como poder de constituir dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo” (BOURDIEU, 2002 p. 14).

A partir das reconhecidas coerções que permeiam o dispositivo utilizado para divulgação dos discursos organizacionais e em prol do objetivo proposto, procede-se a análise da produção enunciativa expressa nos depoimentos. Assim, tem-se como premissa que a escolha dos elementos da enunciação dos trabalhadores é pautada por valores relevantes para si – o autor – e para a empresa – o outro. Em decorrência às sucessivas leituras realizadas dos discursos em análise, foram selecionados excertos principais, que retratam elementos específicos da atividade laboral realizada pelo sujeito. Dessa etapa inicial de seleção dos dados, prosseguiu-se com a inter-relação ao marco teórico proposto, estratégia que deu origem às duas categorias para organização do conteúdo dos ditos dos trabalhadores de cada uma das organizações: 1) atividade laboral e 2) aspectos culturais. Os resultados dessa etapa da pesquisa são apresentados na Tabela 2.

De modo englobante, percebe-se que os depoimentos divulgados no portal da *Cordstrap* ancoram-se no equilíbrio entre a necessidade das normas como elemento fundamental para atualização de saberes e a possibilidade/ incentivo para renormalizar, o que garante seu progresso no organograma organizacional. Ao mesmo tempo em que os discursos estão conectados com a demanda informacional contemporânea também demonstram o interesse na estabilidade laboral.

Os enunciados divulgados pelo portal do *Bureau Veritas* têm como pressuposto a descrição de cargos, funções e as possibilidades de navegação entre eles. Destacam-se algumas apreciações valorativas mediante a repetição de termos como “desafiadora” e “interessante”, explicitamente ligados à atividade realizada. Aspectos como a mundialização também são evidenciados tanto pela possibilidade de mobilização entre países quanto pela incorporação de saberes constituídos a serem interpretados e reinseridos no processo informacional no uso de si por si junto aos clientes.

Em reflexo à questão posta pela empresa *Geistlich*, a atividade é secundária na enunciação, sendo o enfoque a relação mercadológica (produto/cliente) e o clima organizacional mediante elementos como “estar em família”, “fazer parte”. Nesse sentido, o discurso converge diretamente aos interesses do uso do corpo-si pelo outro. A produção enunciativa dos trabalhadores em seus depoimentos varia entre o uso da primeira pessoa, que ressalta o “eu” que age, que é primordial na atividade, e a ausência de um sujeito explícito, que pode conduzir a uma incerteza quanto à conversão real do que é reconhecido pelo trabalhador e o que é esperado pela empresa, já que o em sua possibilidade de escolha, o corpo-si opta por emitir uma mensagem que lhe implica parcialmente.

Por fim, importa salientar que a objetivação da atividade, em portais corporativos, expressa, a partir da perspectiva de Bakhtin (2010), um ponto de vista exotópico, ou seja, oriundo de uma relação de alteridade. O olhar investido pela pesquisadora passa a considerar, então, um vínculo entre as dramáticas dos usos de um corpo-si (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007) e a composição da atividade estética (BAKHTIN, 2015). Nesse caso, parte-se de um uso do corpo-si pelo outro, expresso por meio das normas e das convenções coletivas, mas também sob a égide da alteridade, da empatia que conduz à compenetração, ou ação de colocar-se no lugar do outro. Então, o trabalhador faz uso de seu corpo-si por si no ato de retomada de si, ou seja, de reflexão

da experiência empática, que culmina com uma formação e acabamento do pensamento, que na expressão do enunciado, é réplica no encadeamento discursivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta investigação pautou-se por dois aspectos qualitativos. O primeiro implica a inter-relação teórica entre as concepções ergológicas e bakhtinianas para a produção de um ponto de vista distinto à comunicação no contexto das organizações, calcado no entendimento do trabalho como seu elemento central. A proficuidade dos *corpora* selecionados retoma o segundo aspecto, pois a partir do marco teórico estabelecido, fica evidente como textos disponíveis na *web* manifestam tanto a percepção empresarial acerca do trabalho e dos trabalhadores, quanto características da cultura dessa organização. Diante disso, acredita-se que a questão norteadora proposta ao estudo tenha sido respondida mediante um embasamento empírico que mostra a objetivação da atividade laboral de modo complexo, ressaltando a relação de alteridade intrínseca a toda e qualquer forma de interação.

Os *corpora* permitem asseverar que a objetivação da atividade presente em testemunhos é autorizada pelo autor do depoimento, pois ele passa a ser produtor de saberes à disposição dos interlocutores. Essa produção de saberes, por vezes, é dissociada da atividade de trabalho e o sujeito é posto à margem das generalizações que sustentam o esvaziamento de seu fazer. Por fim, reconhece-se a representação do capital simbólico presente nesta situação de enunciação. Quando o trabalhador é convidado a expressar-se em prol da organização, pode sentir-se em posição de destaque em relação aos demais, o que pode ser componente motriz à motivação do trabalhador, que escolhe usar seu corpo-si mediante um tom emotivo-volitivo que ressalta o prestígio da organização par a qual trabalha.

O cenário globalizado, por um lado, provém incertezas, complexifica perspectivas e impõe a diversidade. Por outro lado, acerca das práticas do mundo do trabalho, ele parece desconsiderar essas questões mediante padronizações que destituem do trabalhador seu espaço de intervenção ativa. Sustenta-se, então, um paradigma que tem a intenção de esmaecer a autoria da atividade, além de descentralizar o trabalho enquanto fundamento das organizações. Fica assim o desafio para futuros estudos, que é conectar mundos que insistem em permanecer dissociados: o da organização e o do trabalho. Como provocar a construção dessa ponte? Garantindo autoria aos seres que

dialogicamente os instituem, mediante modos de reconhecer, como assevera Lacoste (2001), que no coração da atividade laboral, está a comunicação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos, Pedro & João Editores, 2010.

_____, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2015.

_____, Mikhail M. **Art and Answerability: early philosophical essays**. Austin, University of Texas, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002

DURAFFOURG, Jacques; DUC, Marcelle; DURRIVE, Louis. O Trabalho e o Ponto de Vista da Atividade. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Org.). **Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana.**, p. 47- 81., Niterói, RJ: EdUFF (Universidade Federal Fluminense), 2007.

GUÉRIN, François et al. **Compreender o Trabalho para Transformá-lo: a prática da ergonomia**. São Paulo, SP: Blucher, Fundação Vanzolini, 2001.

LACOSTE, Michèle. Peut-on travailler sans communiquer? In: BORZEIX, Anni; FRAENKEL, Béatrice. (Org.). **Langage et Travail: communication, cognition, action**, Paris, CNRS Éditions, pp. 21-53, 2001.

NOUROUDINE, Abdallah. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUSA-E-SILVA, Maria Cecília; FAITA, Daniel (Org.). **Linguagem e Trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França**. São Paulo: Cortez, pp. 17-30, 2002.

SCHWARTZ, Yves, DURRIVE, Louis. **Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana**, Niterói, EdUFF, 2007.

SCHWARTZ, Yves. **Intervenir dans la Vie des Autres**. 2003. Disponível em :<<http://sites.univ-provence.fr/ergolog/Bibliotheque/Schwartz/Intervenir%20dans%20la%20vie%20des%20autres.pdf>>. Acesso em 15 fev. 2017.

_____. Un bref aperçu de l’histoire culturelle du concept d’activité. **Revue électronique @ctivités**, vol. 4, n° 2, pp. 122-133, 2007.

_____. Conhecer e Estudar o Trabalho. **Trabalho & Educação**. V. 24, n.3, p. 83-89, 2015.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.